

## A Praxe Académica na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Cândida Rosalinda Exposto Costa Loureiro, Maria Manuela Frederico-Ferreira, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Edimar Márcio Pires Cardoso & Joviano Alexandre da Silva Bettencourt

### Resumo

A Praxe, como prática integradora de novos estudantes, reveste-se de grande importância no meio académico da Instituição que os acolhe. Verificamos porém, que algumas vezes, a forma pouco regrada como é imposta esta prática, facilita comportamentos abusivos e até ofensivos. De acordo com o estudo realizado na ESEnfC pudemos constatar que a praxe é bem vinda se respeitar o Código de Praxe, se as Praxes forem organizadas, se respeitarem o tempo em que a mesma se processa e se não se puser em causa o respeito pelo outro e a liberdade individual.

**Palavras-chave:** Praxe Académica, vivências, estudantes.

### Abstract

*The Praxis (Academic Customs), as an integrator practice of new students, is considered of great importance in the academy of the institution that receives the students. We verify however, that some times, the way this practice is imposed, facilitates abusive behaviours and/or even offensive. In accordance with the study carried through in ESEnfC, we could point out, that the Praxis is welcome if the Praxis Code is respected; if the Praxis is organized; if it respects the correct time, and if not to set in cause the respect for the other and the individual freedom.*

**Keywords:** Academic Praxis, experiences, students.

## Introdução

O acesso ao ensino superior marca uma viragem na vida do estudante, desde opção decisiva e condicionante do seu futuro perfil profissional, à eventual alteração de residência, para se instalar numa cidade diferente onde se encontra a instituição de ensino superior. Este acesso acompanha-se de várias formalidades académicas quer político-institucionais, quer sócio-culturais, tendo a Praxe Académica um papel relevante. É constituída por um conjunto de costumes e tradições geradas entre estudantes do ensino superior, que se constituem como essência de uma vida muito própria, especial e diferente, a vida Académica, e que já há séculos vêm a ser transmitidas de geração em geração.

A Praxe é considerada um ritual de passagem, uma forma de celebrar a entrada dos estudantes no ensino superior. Esta celebração perspectiva-se integradora uma vez que permite aos caloiros a entrada na comunidade e identidade dos estudantes do ensino superior. O preço a pagar passa pela sujeição a determinadas práticas e na aceitação e interiorização das regras do jogo, que se fazem de uma forma simbólica e metafórica passando por vezes por situações pouco dignas e que Ribeiro (2000) ilustra como se

segue: "Durante a praxe, os caloiros são entidades inclassificáveis (...). Os caloiros distinguem-se (...) pelo que usam sobre o corpo. O rosto, lugar da dignidade do ser humano, é pintado, geralmente a vermelho, (...). Aos caloiros é atribuído um novo nome, na maioria das vezes bastante obscuro (...) são forçados assumir uma identidade animal (pp.69-70). Consideramos que a Praxe Académica se apresenta como um ritual necessário com carácter integrador e facilitador para os caloiros das instituições de ensino superior, no entanto, os excessos verificados levam a que esta prática se apresente por vezes controversa alterando o propósito da praxe de integração para humilhação. A contestação da praxe em Portugal aparece referenciada em textos que datam do século XVIII (Frias, 2005), sendo por isso um fenómeno antigo mas revestido de novos contornos.

No que respeita à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra têm-se verificado algumas situações de exagero por parte de quem praxa e algumas queixas de quem é praxado, nomeadamente a dificuldade que alguns estudantes sentem quando optam por não aderir à praxe académica, sofrendo até retaliações de algum género. No sentido de se perceber as práticas e efeitos da praxe nos estudantes do 1.º ano da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, foi solicitado ao Conselho para a Qualidade e Avaliação (CQA), pelo Conselho Directivo, a realização de um estudo sobre a praxe académica com o objectivo de implementar medidas que previnam eventuais exageros durante o período da praxe, que se espera integrador na vida académica.

Outros estudos foram desenvolvidos neste âmbito, nomeadamente um estudo desenvolvido pela Área de Apoio Psicológico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto a 137 estudantes do 1.º ano do curso de Engenharia (SIFEUP, 2002). Um outro estudo no âmbito da praxe foi desenvolvido pelo Conselho Pedagógico da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto em Coimbra a 439 estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem correspondendo a 60,2% da população estudantil (Queirós et al, 2005). Também a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro levou a cabo um estudo sobre a praxe em 2006, com o principal objectivo de identificar e implementar medidas conducentes à integração dos novos estudantes. A população foi de 1136 estudantes, correspondendo a 19% do número total de estudantes em formação inicial (UTAD, 2006).

Como principais conclusões dos estudos referidos destacamos a importância que a grande maioria dos estudantes atribuem à praxe como actividade integradora, quer na sua vida académica quer até na sua vida pessoal. Os excessos e a quase obrigatoriedade de participar na praxe leva a que alguns estudantes, por não haver mecanismos alternativos, adoptem uma postura de participação discreta/contrariada ou de distanciamento. O período de tempo em que decorre a praxe também foi evidenciado como muito longo.

## Metodologia

O CQA elaborou um questionário cujas respostas possibilitam conhecer a opinião dos estudantes do 1.º ano relativamente à Praxe Académica e fazer uma reflexão sobre as práticas da mesma. Esse questionário foi enviado aos estudantes no dia 6 de Fevereiro de 2008, via e-mail e onde era solicitado o preenchimento e entrega até 18 de Fevereiro. Os questionários após preenchidos foram depositados em urna fechada, para manter o anonimato, colocada junto do 'funcionário de referência' destes estudantes.

O questionário é constituído por:

- Dezanove questões fechadas, tipo dicotómico (sim/não);
- Uma questão fechada relacionada com a duração da praxe considerando três hipóteses de resposta (adequado/longo/reduzido);
- Duas questões em que os estudantes se localizaram relativamente às perguntas “Genericamente, vê a praxe académica com” e “No concreto na ESEnfC vê a praxe académica com”, numa escala com possibilidade de resposta que variam entre repulsa, indiferença e simpatia;
- Duas questões abertas relacionadas com os aspectos positivos e incidentes críticos negativos que tenham vivenciado.

## Resultados

De um universo de 378 estudantes do 1.º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da ESEnfC, obteve-se respostas de uma amostra de 92 respondentes, o que corresponde a uma participação de 24% da população estudantil do 1.º ano.

Da análise dos dados recolhidos relativos às “Vivências da Praxe” (cf Quadro 1), salientamos que a maioria dos inquiridos (96,7%) foram praxados e 76,1% consideram ter-se adaptado bem à praxe.

A quase totalidade dos estudantes (98,9%) apontam que a praxe deve ser facultativa e respeitar quem não quiser aderir. Valores um pouco mais baixos foram encontrados na opinião dos estudantes da FEUP (2002) em que 79% admitem que a praxe tem excessos e 64% referem que a praxe obriga a participar em actividades não voluntárias.

Para a questão relativa à possibilidade da Praxe ser completamente abolida encontramos respostas concordantes em 4,3% e um valor idêntico (4,0%) no estudo da UTAD (2006).

91,3% dos nossos estudantes são da opinião que a praxe deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica.

A grande maioria dos estudantes (81,5%) não necessitou de qualquer tipo de apoio para a resolução de problemas decorrentes da praxe, valor concordante com o do estudo da UTAD (2006) que se situa nos (87,1%).

Uma percentagem significativa dos estudantes, (73,9%) responderam que a praxe deve ser revista de forma a receber melhor os estudantes e que a praxe deve ser rigorosamente aplicada de acordo com o código da praxe (72,8%).

88,0% dos respondentes concordam que a praxe serve para a integração na Escola, o que também se verifica na UTAD (2006) com cerca de 90% e na FEUP (2002) com 77,0%, no entanto 71,7% dos nossos estudantes consideram que a Escola deveria ter mecanismos de integração alternativos.

Existem ainda 13,0% que consideram a praxe uma perda de tempo o que se aproxima da opinião dos estudantes da UTAD (2006) em que 9% fazem a mesma referência.

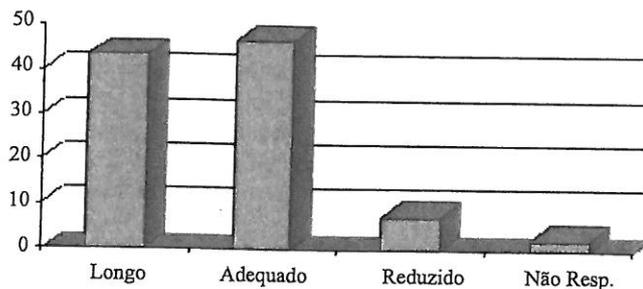
Relativamente ao facto da praxe beneficiar o desenvolvimento pessoal é interessante verificar a diferença encontrada entre o nosso estudo (71,7%) e o da UTAD (3,0%)

Quadro 1 - Vivência da Praxe

n = 92	Sim		Não	
	n	%	n	%
Foi praxado .....	89	96,7	3	3,3
Já praxou .....	8	8,7	84	91,3
Considerou a praxe estranha .....	39	42,4	53	57,6
Adaptou-se à praxe.....	70	76,1	21	22,8
Sentiu-se bem integrado no espírito da praxe .....	56	60,9	33	35,9
A praxe deve ser facultativa e respeitar quem não quiser aderir .....	91	98,9	1	1,1
A praxe deve ser completamente abolida .....	4	4,3	87	94,6
A praxe deve ser favorável à discriminação sexual .....	4	4,3	88	95,7
A praxe é uma violência .....	13	14,1	79	85,9
A praxe deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica ..	84	91,3	7	7,6
Procurou apoio para resolver "situações" decorrentes da praxe .....	16	17,4	75	81,5
A praxe deve ser revista, de forma a receber melhor os alunos .....	68	73,9	23	25,0
A praxe deve ser limitada aos cerimoniais académicos .....	24	26,1	65	70,7
A praxe deve ser rigorosamente aplicada, de acordo com o Código da Praxe .....	67	72,8	24	26,1
A praxe deve manter-se tal como está .....	35	38,0	57	62,0
A praxe serve para a "integração na escola" .....	81	88,0	11	12,0
A praxe é uma perda de tempo .....	12	13,0	79	85,9
A praxe "beneficia o desenvolvimento pessoal" .....	66	71,7	26	28,5
A escola deveria ter mecanismos de integração alternativos .....	66	71,7	25	27,2

No que se refere ao "Tempo da Praxe" (cf Gráfico 1), isto é, o período de tempo em que decorre esta actividade, encontramos valores próximos entre as opções "Adequado" (46,7%) e "Longo" (43,5%). Apenas 7,6% o consideram "Reduzido". Comparativamente com o estudo da UTAD, mais de 50% dos estudantes consideram este tempo adequado.

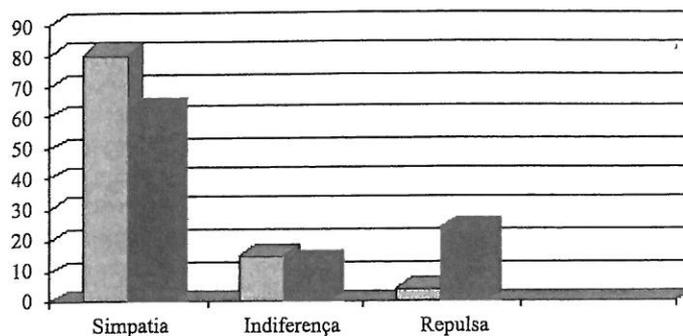
Gráfico 1 - Tempo da Praxe



Nas questões "Como vê a praxe académica genericamente?" e "Como vê a praxe académica no concreto da ESEnfC?", tanto genericamente (80,4%) como no concreto da ESEnfC (62,0%) os estudantes vêem-na com simpatia. De referir que 23,9% vêem a praxe no concreto na ESEnfC com repulsa, contrastando com 4,3% no genérico (Gráfico 2). Estes valores vão ao encontro de Queirós et al (2005) no qual a praxe apresenta

valores superiores de simpatia no genérico (68,3%) e valores superiores de repulsa no concreto da Escola (28,7%).

Gráfico 2 – A praxe no Genérico e no Concreto da ESEnFC



Da informação resultante das respostas às questões abertas foi efectuada uma leitura exploratória que fez emergir “categorias” de ideias-chave. Numa análise posterior os dados foram agrupados nessas categorias. Neste processo de análise e interpretação codificou-se cada questionário com a letra E (de Estudante) seguida da ordem de participação (E1, ... E92). As categorias identificadas são idênticas às referidas por Queirós et al (2005).

No que se refere à primeira questão aberta “Aponte algum(ns) aspecto(s) positivos que tenha vivenciado”, a **Socialização** aparece como a principal vivência positiva da praxe, emergindo as categorias **Integração, Confraternização e Suporte Afectivo**.

A **Integração** é vivenciada nos vários contextos (cf Quadro 2) conforme as expressões de alguns estudantes “(...) maior integração na escola, com os colegas e familiaridade com a cidade.” E45; “Facilidade na integração na escola, na vida académica, social (...)” E26; “A partir da praxe consegui integrar-me melhor e consegui conhecer alguns colegas (...)” E15.

A **confraternização** proporciona um ambiente de convívio e diversão, conforme se apresenta no Quadro 2 e que é explícito pelas afirmações que se transcrevem: “(...) vivenciar bons momentos de riso” E3; “(...) foi um momento de divertimento (...) Realça os aspectos referentes à camaradagem entre os caloiros.” E25; “O facto de conviver, rir e falar normalmente para pessoas que não são do nosso ano” E81.

O **suporte afectivo** permitiu o desenvolvimento da solidariedade, laços de amizade e espírito de equipa vivenciado mostram os excertos seguintes “conheci as minhas actuais melhores amigas, durante as actividades da praxe.” E48; “Conhece-se muito gente, fazem-se amigos!” E79; “Espírito de equipa, solidariedade, amizade.” E9; “Foi nos momentos de praxe que eu fiz as melhores amizades (...)” E36.

Nas respostas dos estudantes emergiram aspectos que pela sua diversidade foram incluídos na categoria **Outros** (Quadro 2). A referência relativa à satisfação quando as praxes são organizadas foi a mais expressiva nomeadamente quando afirmam que: “As praxes organizadas pela comissão de praxe foram excelentes, (...)” E16; “A praxe dos ovos. A praxe do desporto. E43; “Jantares, praxe na praça da república, noites temáticas, praxes temáticas.” E59.

Relativamente às outras categorias, 3 estudantes consideraram importante o reinício da praxe: "(...) acho que a praxe deveria voltar, porque há quem goste de ser praxado e não pode deixar de o ser pelo facto de existirem vários alunos anti-praxe, (...)." E23.

4 estudantes referem não existir aspectos positivos como é o caso do E5: "Nenhuns, tenho que nem a comissão da praxe consegue dar informações sem rebaixar."

Igualmente foram obtidas 4 respostas relacionadas com experiências de praxe mais positivas noutras Instituições do Ensino Superior como referido pelo E28: "Visto que já estive num curso na UC, posso dizer que a praxe lá é divertida pois fazem-nos jogo e brincadeira que nos integram muito mais facilmente, e principalmente não tentam impor-nos medo aos "doutores".

Quadro 2 – Dimensões/categorias e indicadores que emergiram das respostas à questão "Apon-te algum(ns) aspecto(s) positivos que tenha vivenciado"

Dimensão/Categoria ..... e indicadores	nº de respostas
Socialização/ Integração	
..... Integração na Escola/Vida académica	30
..... Conhecer novas pessoas/colegas	21
..... Conhecer alguns locais de Coimbra	4
Socialização/ Confraternização	
..... Convívio/Camaradagem	15
..... Diversão/Rir	10
Socialização/ Suporte afectivo	
..... Solidariedade/Amizade	12
..... Espírito de equipa	4
Outros	
..... Praxes Organizadas	11
Reiniciar a praxe	3
Não existem aspectos positivos	4
..... Experiências de praxe mais positivas noutros cursos	4

Relativamente à segunda questão aberta "Apon-te algum(ns) incidente(s) crítico(s) negativo(s) que tenha vivenciado", a **Natureza da Praxe** aparece como a principal vivên-cia negativa da praxe, sendo consideradas as categorias **Psicológica** e **Física**.

No que se refere à primeira categoria, **Natureza da Praxe/Psicológica** (Quadro 3), destaca-se a **Humilhação/Ofensa**: "Ser desrespeitada, humilhada." E42; "(...) criticarem os alunos pela maneira como se vestem/estilo pessoal e humilharemos, (...). Praxarem e humilharemos os caloiros nos corredores/bar/refeitório (cantina) du-rante as poucas pausas e durante as refeições. (...) obrigarem os alunos a perderem tardes do seu quotidiano, quase todos os dias da semana, a serem praxados e humi-lhados." E45; "Quando nos tratavam mal, chamavam nomes, (...) e eram só para nos humilhar." E49;

"(...) é com grande desagrado que a praxe nesta escola leva alunos a desistirem do curso, ou a mudar de escola" E50; "Muita arrogância, atitudes que privilegiavam o gozo a humilhação." E67.

o rei-  
é ser  
praxe,  
"Ne-  
ar."  
mais  
que  
ogo  
tam

O **Abuso** apresenta-se como um aspecto também muito evidenciado: "Alguns abusos de colegas "doutores" como por exemplo o recurso ao insulto (...)." E6; "Na praxe, as únicas situações que critico é o "abuso" de, suposto e imaginário "poder" para praxar. Tendendo a querer elevar demais, mesmo "fora de traje". E20; "(...) insultarem muitas vezes a mim e colegas." E19; "(...) Por outro lado na praxe o respeito mútuo e da linguagem deve-se manter, o que não se verifica." E47

Pelas afirmações que se seguem, verificamos que o **Medo** também está patente de uma forma significativa: "(...) As pessoas em geral, na altura que ainda havia praxe, tinham medo de vir para a escola! (...)" E50; "(...) sair de lá com a moral em baixo e chegar a ter medo de ir para a escola por causa da praxe, (...)" E77; "A praxe para mim foi terrível, eu todos os dias quando chegava a casa chorava. (...) Eu passava a manhã toda na sala, nem à casa de banho ia, só saía à hora de almoço e depois estava lá toda a tarde com medo que durante um intervalo me praxassem, porque os doutores estavam sempre à porta da sala. (...)" E91.

No que concerne à **Natureza da Praxe/Física** (cf Quadro 3) os estudantes destacaram como aspectos mais negativos a **Violência Física** seguida do **Abuso de Poder** conforme pudemos constatar pelas expressões que se seguem: "(...) fiquei com algumas mazelas físicas (testa e nariz queimado) um a vez que estive com a testa e com o nariz muito tempo na alcatifa do auditório." E12; "(...) praxe sob chuva enquanto os alunos reboavam no chão, em terrenos irregulares com pedras, paus, silvas e excrementos de animais, (...)" E45; "(...) Obrigam os caloiros a ir limpar-lhes as casas de banho, a casa deles (presenciei esta situação!), a massajarem-lhes os pés descalços, sem qualquer tipo de protecção das mãos, (...) a rastejar pelo chão, até ficarmos com os cotovelos esfolados, (...)" E50; "(...) sair de lá com a moral em baixo e chegar a ter medo de ir para a escola por causa da praxe, (...)" E77; "(...) caso não voltasse imediatamente para a escola o meu B.I. era rasgado." E91.

Na dimensão **Outros**, como podemos verificar pelo Quadro 3, estão incluídos os aspectos relativos à não existência de aspectos negativos, à suspensão da praxe, ao não cumprimento do código da praxe, à necessidade de haver mais praxes organizadas. De salientar o **Horizonte Temporal** considerado como menos positivo uma vez que a praxe é feita a qualquer hora do dia ou da noite, ocupando tempo lectivo, feita fora da escola e durante muito tempo, meses até, evidenciado pelas palavras destes estudantes: "Não deve no entanto ser obrigatória a estadia na escola todos os dias após as aulas ou ser realizada de forma a levar os alunos a faltarem às aulas." E9; "A praxes alongavam-se até muito tarde no dia." E21; "Julgo que a praxe ocupou muito tempo, que era importante para estudo e/ou vida pessoal. (...) E não só a duração da sessão da praxe, mas os meses de praxe." E22.

Quadro 3 – Dimensões/categorias e indicadores que emergiram das respostas à questão "Apon-te algum(ns) incidente(s) crítico(s) negativo(s) que tenha vivenciado"

Dimensão/Categoria ..... e indicadores	nº de respostas
Natureza da Praxe/ Psicológica	
..... Humilhação/Ofensas	44
..... Abuso	23
..... Medo	7

Natureza da Praxe/Física	
..... Violência física	14
..... Abuso de poder	6
Outros	
..... Não existem aspectos negativos	10
..... Suspensão da praxe	7
..... Horizonte Temporal	5
..... Não cumprimento do Código de Praxe	3
..... Falta de praxes organizadas	2

## Conclusão

Podemos concluir que de uma forma global a praxe é bem vista e aceite pelos estudantes como facilitador na Socialização e Integração dos 'novos caloiros' desde que se respeite rigorosamente o Código da Praxe, se respeitem os colegas enquanto pessoas e cidadãos livres; a liberdade de opção deve sempre prevalecer sem qualquer tipo de coerção/abuso/ofensas/humilhação/discriminação/violência. Que se façam Praxes organizadas, se respeite o tempo considerado necessário para a 'recepção ao caloiro' e se considerem outros mecanismos alternativos para a integração dos novos estudantes.

## Referências bibliográficas

- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. (2002). *Vivências Académicas e Bem-Estar Psicológico dos Alunos do Primeiro Ano*. Área de Apoio Psicológico. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Frias, A. (2003). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. *Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, nº66, p.81-116.
- Queirós, P. et al. (2005). A praxe na nossa escola: As palavras dos estudantes... Acção Social e Acompanhamento Psicológico no Ensino Superior, Investigação e Intervenção - *Actas do Congresso Nacional*, Edições Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, p.395-402.
- Ribeiro, R. M. (2000). *As Lições dos Aprendizizes: As Praxes Académicas na Universidade do Minho*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Antropologia. Universidade do Minho.
- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (2006). *Resultados do Inquérito sobre a Praxe na UTAD*. Consultado em 24 de Julho de 2008, <http://www.noticiasdevilareal.com/noticias/index>.

### Notas Biográficas:

**Cândida Rosalinda Exposto Costa Loureiro** – Mestre em Psiquiatria e Saúde Mental, Doutoranda em Ciências de Enfermagem na UTAD, Professora Adjunta na ESEnfC.

**Maria Manuela Frederico-Ferreira** – Doutorada em Ciências Empresarias, Professora Coordenadora, Presidente do Conselho para a Qualidade e Avaliação da ESEnfC.

**Maria Clara Amado Apóstolo Ventura** – Mestre em Sociopsicologia da Saúde, Doutoranda em Ciências de Enfermagem na UTAD, Professora Adjunta na ESEnfC.

**João Nuno Cruz Costa de Oliveira** – Licenciado em Gestão e Administração Pública. Técnico Superior na ESEnFC.

**Natércia Jacinta Jesus Carvalho Jegundo Cunha** – Licenciada em Ciências Sociais. Assistente Técnica na ESEnFC.

**Edimar Márcio Pires Cardoso** – Enfermeiro Licenciado pela ESEnFC em Julho de 2010.

**Joviano Alexandre da Silva Bettencourt** – Enfermeiro Licenciado pela ESEnFC em Julho de 2009.